

LINGUAGEM E SIGNIFICADO: CONSEQUÊNCIAS DA ALTERAÇÃO SEMÂNTICA¹

GODOIS, Janette Mariano²; DALPIAN, Laurindo³

¹ Recorte do projeto de monografia apresentado ao Curso de Especialização em Linguagem e Representação: Ênfase em Linguística do Centro Universitário Franciscano – Unifra.

² Acadêmica do Curso de Especialização em Linguagem e Representação: Ênfase em Linguística, do Centro Universitário Franciscano – Unifra.

³ Professor orientador. Docente do Centro Universitário Franciscano – Unifra.

Email: janettegodois@gmail.com

RESUMO

Uma abordagem acerca das consequências da mudança de significado das palavras é a questão que norteia este trabalho. A semântica, especialmente a histórica, ficou por muito tempo esquecida enquanto se priorizavam os estudos sintáticos, morfológicos, fonéticos, e renasceu com novas investidas nesse campo. Nesse contexto, destacou-se Bréal, criador do termo *Semântica*. A partir daí, os estudos semânticos têm recebido importantes contribuições de autores como Ullmann, Oliveira, Bueno e muitos outros, que embasam a presente pesquisa, que é de cunho bibliográfico. Os fatores que favorecem as mudanças semânticas são bastante variados e não serão abordados nesse trabalho. Aqui, são apresentadas as consequências da mudança semântica que estão relacionadas à restrição e à extensão de significado, ao desenvolvimento de significados pejorativos e amelhorativos. Além disso, são apresentadas algumas palavras que tiveram o seu significado alterado do latim para o português.

Palavras-chave: Semântica. Mudança semântica. Consequências da mudança semântica.

1 INTRODUÇÃO

A preocupação com os fenômenos relacionados à linguagem, entre eles o que se refere ao significado, é bastante remota. Uma das primeiras gramáticas a abordar questões relacionadas ao significado data do século I a. C. em que Varrão dava destaque aos estudos morfológicos, sintáticos e etimológicos. Juntamente com os estudos etimológicos, as questões relacionadas ao significado das palavras já eram referidas. Apesar de ter sido abordada há bastante tempo, a semântica não mereceu destaque no trajeto dos estudos linguísticos.

Este trabalho justifica-se uma vez que a semântica é uma área da linguística pouco explorada pelos estudiosos dos fenômenos da linguagem. A gramática normativa se ocupa apenas da semântica descritiva no que se refere ao estudo dos significados, deixando de lado a semântica histórica. Além disso, o trabalho é relevante pela importância de se entender os fenômenos que contribuem para que as palavras mudem de significado no decorrer do tempo.

A escolha do tema previu a possibilidade de contribuir para o ensino de língua portuguesa, pois é importante que o professor dessa disciplina tenha conhecimento da origem dos significados das palavras que compõem o idioma, dos aspectos que contribuem para as alterações semânticas e, em especial, das consequências da mudança semântica.

Dessa forma, é possível garantir uma educação mais qualificada, além de proporcionar aos alunos a possibilidade de um conhecimento interdisciplinar, já que ao abordar as consequências da mudança semântica, é possível abordar também os aspectos que contribuíram para as alterações semânticas, que são variados e englobam fatos históricos, religiosos, geográficos, entre outros.

Aqui, o propósito é investigar as consequências das mudanças semânticas, que estão relacionadas à restrição de significado, à extensão de significado, ao desenvolvimento de significados ameliorativos e pejorativos e, além disso, identificar palavras que alteraram o significado do latim para o português.

Inicialmente, são apresentadas questões teóricas acerca da semântica, de acordo com a visão de linguistas que abordam o tema. Posteriormente, são identificadas palavras que foram afetadas no que se refere ao seu significado, bem como as consequências da mudança de significado sobre essas palavras.

2 DESENVOLVIMENTO

Neste capítulo, são apresentadas as diferentes percepções dos autores acerca do significado das palavras.

2.2 SEMÂNTICA: A CIÊNCIA DO SIGNIFICADO

Diversos são os campos relacionados à linguagem e à escrita. Entre eles estão a sintaxe, a morfologia, a pragmática, a semântica. Este último, o campo que se ocupa das questões relacionadas ao significado das palavras e, de acordo com Roth (1998), mesmo quando a semântica se constituiu como área de pesquisas autônoma, a linguística, durante muito tempo, preteriu os estudos relacionados ao significado. De fato, as pesquisas relacionadas à sintaxe, à morfologia, à etimologia, à fonética sempre receberam um tratamento de destaque no que se refere às pesquisas em termos de estudos linguísticos.

A ciência que se ocupa do significado das palavras recebeu o nome de semântica somente em 1883. Bréal, que é considerado o fundador da semântica moderna e criador do termo, referiu-se ao estudo do significado como uma introdução à ciência que pretendia chamar de semântica. O autor pretendeu, com seu *Ensaio de Semântica*, texto no qual apresenta o nome da nova ciência, “marcar algumas divisões, como um plano provisório sobre um domínio ainda não explorado, e que reclama o trabalho combinado de várias gerações de linguistas” (BRÉAL, 1992, p. 20). Hoje, pode-se perceber que Bréal tinha razão nas suas afirmações, pois desde 1883 até agora são mais de duzentos anos e ainda não há uma definição sobre muitos aspectos que se referem ao estudo da significação.

O significado das palavras, na maioria das vezes, é determinado pelos falantes, especialmente no que se refere às alterações de significado. Pouco resultado têm as imposições por proibições ou leis. Na história do Brasil, vários são os exemplos de tentativas de mudar o significado das palavras ou atribuir uma palavra nova para determinado significado.

Na Revista **Língua Portuguesa**, Pereira Junior (2012) apresenta uma cronologia de fatos relacionados à semântica das palavras. Começa com um exemplo de 1955, em que o jornalista Fernando Levisky propôs que se retirassem sinônimos considerados ofensivos em obras escolares. Com isso, acepções como *judeu* (avarento), *negro* (maldito), *brasileira* (cachaça), *favela* (morada de negros e malandros) foram excluídas do Dicionário Contemporâneo (1958), de Caldas Aulete. Em junho de 1961, o presidente da República Jânio Quadros decretou que o Dicionário Prático da Língua Portuguesa, de Francisco da Silveira Bueno, retirasse "conceitos que não podem ser levados em país cristão e democrático à mocidade", como *judeu*, *judiação*, *negro*, *jesuíta* e *favela*. A questão foi esquecida após a renúncia de Jânio. Em 1999, o movimento contra o preconceito relacionado à aids fez com que a imprensa passasse a usar o termo *soropositivo* em vez de *aidético*. Em 2005, a Secretaria Especial de Direitos Humanos lança uma cartilha com 96 termos que deveriam ser evitados por funcionários públicos. A propósito, o termo *aidético* estava na lista, assim como *barbeiro* (motorista inabilidoso), *conservador* e *A coisa tá preta*. As críticas foram tantas que o governo resolveu retirar a cartilha de circulação. Em 2008, o deputado federal Frank Aguiar pediu ao Ministério do Trabalho que trocasse o termo *faxineiro* por *profissional de limpeza*, na Classificação Brasileira de Ocupações, que define a nomenclatura de atividades na carteira de trabalho.

Outros casos semelhantes a esses podem ser citados. Recentemente, o governo do Chile fez uma tentativa de retirar o termo *ditadura* dos livros didáticos e substituí-lo por *regime*. Provavelmente, com a intenção de tornar mais brando o período em que foram cometidas diversas atrocidades contra os civis.

Diante desse contexto, é possível perceber o quanto o significado das palavras é relevante em todos os níveis sociais e o quanto pode interferir em tantos aspectos na vida das pessoas.

2.3 ALTERAÇÕES SEMÂNTICAS

Não é de hoje que os aspectos referentes ao significado das palavras são abordados. Salústio, em *A conjuração de Catilina*, com certa ironia, afirma que "nós perdemos o verdadeiro sentido das palavras, porque ser pródigo com os bens dos outros chama-se generosidade; a audácia nos crimes chama-se bravura" (Salústio apud DALPIAN,

1988, p. 105). Afirmação semelhante pode ser feita com relação ao Hino Rio-Grandense, que canta os feitos durante a Revolução Farroupilha: “Sirvam nossas façanhas de modelo a toda a terra”. Aqui, pensando como Salústio, o verdadeiro sentido de *façanhas* também está perdido quando se inclui entre elas os negros nas frentes de batalha e a apropriação indevida (aqui o verdadeiro sentido está oculto) de gado. Nesse contexto, vale a afirmação de Bréal (1992, p. 78): “É preciso ver o inevitável efeito de uma falsa delicadeza: dando nomes honestos às coisas que não o são, desonram-se os nomes honestos.”

Até mesmo os nomes próprios podem ser acometidos por alterações semânticas, especialmente, as relacionadas à extensão do significado. Um caso típico dessa alteração é a palavra *amélia*, que originalmente era usada, e ainda é, como um nome próprio feminino, mas, hoje, segundo o dicionário (HOUAISS; VILLAR; FRANCO, 2001), o termo já é usado para designar a mulher amorosa, passiva e serviçal.

2.4 CONSEQUÊNCIAS DA MUDANÇA SEMÂNTICA

As alterações semânticas, sejam elas de qual natureza forem, acarretam consequências, que estão relacionadas à restrição de significado; à extensão de significado; ao desenvolvimento de significados pejorativos e ameliorativos. Essas consequências são descritas a seguir.

2.4.1 A restrição de significado

Para Ullmann (1964), a restrição de significado ocorre quando se aplica uma palavra a menos coisas do que se aplicava, mas que diz muito mais a respeito delas, ou seja, restringiu-se o âmbito, mas o significado enriqueceu-se. O autor cita a palavra inglesa *voyage*, que significava uma viagem qualquer, como ainda hoje em francês. Com o passar do tempo, o significado da palavra inglesa restringiu-se e passou a ter ligação apenas com viagem por mar ou por água.

Oliveira (2008) vê a restrição como o processo no qual o significado, que se aplicava originalmente a um referente genérico, passa a ser aplicado a um referente específico. Em algumas localidades no interior da Bahia, o significado de animal se restringiu e passou a ter ligação apenas com cavalo, égua, burro e mula.

2.4.2 A extensão de significado

Ullmann (1964) afirma que, para vários linguistas, a extensão de significado é um processo menos comum que a restrição, porém, para ele, os casos de extensão semântica

são bastante frequentes em muitas línguas. Ele cita como exemplo a palavra francesa *panier* (cesto), que vem do latim *panarium* (cesto do pão), derivado de *panis* (pão). A palavra, quando perdeu a relação com pão podia ser aplicada a mais objetos do que antes, mas seu significado empobreceu por perder um traço distintivo.

Já Oliveira (2008), prefere usar o termo generalização em vez de extensão. Para ele, generalização consiste no processo em que o significado de uma palavra deixa de ser aplicado a um referente específico e passa a ser aplicado a um referente genérico, ou seja, é o processo inverso ao da restrição. Ele cita a palavra inglesa *dog*, que era usada para se referir a uma determinada raça de cachorro, mas que agora se refere a qualquer raça de cachorro.

2.4.3 Significados pejorativos

Segundo Ullmann (1964, p. 461), “os desenvolvimentos pejorativos são tão comuns na linguagem que alguns dos primeiros semânticos os consideravam como uma tendência fundamental, um sintoma de uma ‘veia pessimista’ na mente humana.”

Para Bréal (1992, p. 78), a pretensa tendência pejorativa das palavras está relacionada com a natureza da malícia humana, que tem “prazer em encontrar um vício ou um defeito por detrás de uma qualidade.” O autor usa como exemplo de significado pejorativo a palavra alemã *keck*, que significava vivente, vivo, e hoje significa ousado, descarado.

Na visão de Oliveira (2008), o desenvolvimento pejorativo que as palavras desenvolvem ao longo do tempo está relacionado ao preconceito. Ele cita o exemplo da palavra paraíba, cujo significado, entre outros, se refere a “operário da construção civil não qualificado.” O que, segundo o autor, ofende a tribo indígena Paraíba, o estado da Paraíba e os próprios operários.

2.4.4 Significados ameliorativos

Enquanto os significados pejorativos deterioram o sentido das palavras, os ameliorativos, por sua vez, contribuem para amenizar um significado negativo. Oliveira (2008) cita como exemplo dessa consequência a palavra *monstro*, que na sua origem significa um corpo com conformação anômala; animal ou pessoa assustadora e hoje tomou um significado positivo quando se diz que o “Pelé é um monstro sagrado do futebol.” Apesar dessa alteração ameliorativa da palavra, o significado original se manteve.

3 METODOLOGIA

A metodologia desta pesquisa será de cunho bibliográfico. A pesquisa bibliográfica, segundo Toledo, é aquela que se vale de fontes escritas e é feita em etapas. Essas etapas estão relacionadas à escolha do tema e da bibliografia; formulação do problema, entre outros. Para o autor, a pesquisa bibliográfica não depende só dos procedimentos técnicos, mas também do conhecimento prévio que o pesquisador tem do assunto a ser pesquisado.

Para a execução desse trabalho, foram listadas palavras que tiveram seu significado alterado na língua portuguesa, identificadas aleatoriamente, em situações de linguagem do dia a dia, como leituras, conversas, programas de televisão. Também, por meio de dicionários, foram identificadas algumas palavras que mudaram o significado na passagem do latim para o português. Além disso, fez-se uma tentativa de identificar as consequências da mudança semântica nas palavras identificadas.

Buscou-se em dicionários etimológico, latino e da língua portuguesa, a origem e o significado das palavras.

As palavras latinas são citadas em caso nominativo conforme o dicionário latino e, entre parênteses, aparecem em latim vulgar. A forma vulgar vem no caso acusativo singular da primeira, segunda e terceira declinações, com a apócope do *m*. Na segunda declinação, o *u* sofre abaixamento para *o*. Os verbos latinos são apresentados no modo infinitivo.

Aqui, não se pretendeu esgotar o assunto, e pesquisas futuras poderão dar seguimento às investigações, já que a pesquisa “é uma atitude e uma prática teórica de constante busca que define um processo intrinsecamente inacabado e permanente. É uma atividade de aproximação sucessiva da realidade que nunca se esgota, fazendo uma combinação particular entre teoria e dados” (MINAYO, 1993, p. 23).

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO

Neste capítulo são apresentadas algumas palavras que sofreram mudanças semânticas. Além disso, são identificadas as consequências dessas mudanças.

4.1 SIGNIFICADOS AMELIORATIVOS

Uma palavra que em determinadas situações tem um significado ameliorativo é *nojo*, do latim *nausēa* (*nausea*). Quem nunca ouviu ou até mesmo usou a expressão: “*Que nojo!*” ao ver a beleza ou os modos graciosos de uma criança?

Os adjetivos *sinistro* e *irado* na linguagem dos jovens, adquirem um significado ameliorativo. O primeiro vem do latim *sinistru* (*sinistro*), esquerdo, ou seja, o lado

desfavorável, dos maus agouros (NASCENTES, 1955) e o segundo, do latim *ira (ira)*, que por sua vez significa cólera, raiva indignação. Essas palavras, apesar de terem um significado inicial negativo, no uso oral, como gíria, significam algo positivo.

4.2 SIGNIFICADOS PEJORATIVOS

No Brasil, a palavra *troglodita* é usada com o sentido de grosseiro, rude, mas na Tunísia denomina o povo que vive em cavernas, que, ainda hoje, são cavadas em colinas com a finalidade de proteger os moradores do calor excessivo do dia, bem como do frio à noite. A associação com o ser humano primitivo aproximou o sentido do termo *troglodita* aos sujeitos rudes.

Outra palavra que ilustra o desenvolvimento pejorativo é *vândalo*, povo guerreiro que saqueou Roma durante os frequentes conflitos ocorridos na região. No Brasil, *vândalo* é aquele que destrói principalmente os bens que pertencem ao poder público, como praças, lixeiras, monumentos. Essa analogia se deve ao poder de destruição do povo vândalo.

Nessa mesma perspectiva, a palavra *favela* adquiriu um significado pejorativo. Como geralmente as favelas são o reduto de traficantes de drogas e toda espécie de malfeitores, chamar alguém de *favelado* representa uma ofensa. Assim, no lugar de *favela*, surge o termo *comunidade*, com o intuito de dar mais dignidade aos habitantes do lugar e afastar a ideia de que todo habitante da favela é criminoso. No que se refere à etimologia, favela, vem de favo, latim *favus (favo)*. Recebeu esse nome, provavelmente, porque o emaranhado de casas, comum nesses lugares, lembra um favo de abelhas.

4.3 EXTENSÃO DE SIGNIFICADO

Outro exemplo de extensão de significado é a palavra *secretária*, no latim *secretariu (secretario)*, ou seja, aquele que escreve as cartas de outro, por conseguinte, aquele que sabe os segredos desse outro. Secretária, feminino de secretário, se referia à mesa para guardar documentos secretos. Hoje, secretária também designa a empregada doméstica.

Algumas alterações que causam extensão de significado têm origem desconhecida. É o caso de *laranja*, que inicialmente significava o fruto da laranjeira, que passou a designar também as pessoas que permitem que seu nome, em troca de recompensa financeira, seja usado em transações ilícitas. Outro exemplo de extensão com motivação desconhecida são as palavras *facção* e *barbeiro*, usadas para se referir ao motorista inabilidoso. Não faltam hipóteses para justificar essas alterações, mas ainda não há nenhuma comprovação inequívoca que justifique tais ampliações de significado.

4.4 RESTRIÇÃO DE SIGNIFICADO

Uma palavra que parece estar em processo de restrição de significado é *usuário*, do latim *usus* (*uso*), emprego, utilidade, uso. Portanto, usuário é aquele que usa. Provavelmente, devido à relação com o uso de drogas, a palavra usuário está se restringindo e nomeando aqueles que usam substâncias entorpecentes. Até mesmo as pessoas que usam drogas, costumam se referir a si próprios como *usuários* e não como *usuário de drogas*. Além do processo de restrição de significado pelo qual a palavra parece estar passando, esse também é um caso de desenvolvimento de significado pejorativo, pois, não raro, o termo *usuário* remete o ouvinte a usuário de drogas.

Os verbos também podem apresentar restrições de significado. É o caso do verbo *beber*, do latim *bibĕre*, que se refere a engolir, ingerir um líquido qualquer. No Brasil, esse significado está bastante restrito, e tem relação quase exclusiva com o ato de ingerir bebida alcoólica. De acordo com Faria (1962), já na língua latina, o verbo era usado no sentido que é hoje na língua portuguesa. O imperador Tibério era chamado, *Biberius* devido à sua inclinação para o vinho.

Outro verbo que tem seu uso um tanto restrito é o verbo operar, do latim *opĕra* (*opera*), cujo significado está relacionado a qualquer trabalho, atividade ou ocupação. Hoje, ele é mais usado para se referir ao trabalho cirúrgico de um médico.

5 DO LATIM AO PORTUGUÊS

Muitas palavras usadas na língua portuguesa tinham outro significado na língua latina. Não foi possível precisar, nesse trabalho, o período em que sofreram tais alterações, se ainda no latim ou já no português. Como exemplo desse caso pode-se citar a palavra *rapaz*, que em português é usada para se referir ao homem jovem, já no latim significava ladrão. Por isso, ave de rapina, raptó. Aqui também pode-se citar a palavra *oportuno*, “do latim *opportunu* (*opportuno*), que conduz ao porto; qualificativo primitivamente aplicado a ventos, correntes marítimas” (NASCENTES, 1955). Hoje, na língua portuguesa, o significado não está mais relacionado à linguagem marítima, mas, apesar de ter-se alterado, ainda se refere a coisas favoráveis, assim como os ventos que levam as embarcações ao porto. Também vêm linguagem marítima, os verbos *chegar* e *pregar*, que têm uma origem em comum: o verbo latino *plicāre* (dobrar). Como as embarcações dobravam as velas quando chegavam ao porto, os verbos *chegar* e *pregar* se desenvolveram a partir da mesma origem. No português, o verbo *pregar* está relacionado a fazer dobras em tecido ou em outro material que isso seja possível. Faggion (2012) lembra que o homônimo *pregar* (falar, discursar) tem outra origem, ou seja, vem do verbo latino *praedicare* (proclamar, publicar).

No Brasil, o ingresso ao curso superior é garantido pela aprovação no vestibular. Essa palavra se refere à prova realizada pelos candidatos, e sua origem vem do latim *vestibulum* (*vestíbulo*), que significa em português vestíbulo, pátio de entrada de uma casa, saguão. Como havia o hábito de deixar vestes ou pertences, como a roupa pesada, o guarda-chuva e o chapéu na entrada das casas, a prova que garante a entrada do estudante à universidade recebeu o nome de *vestibular*. Essa palavra, assim como as outras citadas nesse capítulo, modificou seu significado do latim para o português, mas manteve uma relação com o significado original.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com essa pesquisa, não se pretendeu esgotar o assunto, pois as questões semânticas são bastante complexas e exigem o estudo em várias áreas do conhecimento, além de um estudo aprofundado a respeito da etimologia das palavras. Buscou-se, aqui, identificar palavras afetadas no que se refere ao seu significado e identificar as conseqüências da mudança nessas palavras. É importante ressaltar, também, que houve a intenção de contribuir com os estudos semânticos, que carecem de pesquisas. Espera-se que, com esse trabalho, outros possam ser realizados no intuito de enriquecer a pesquisa nesse aspecto tão importante da linguagem, que é o relacionado ao significado das palavras.

Pôde-se perceber que algumas palavras mudam de significado por algum tempo, mas depois adquirem novamente o significado original, e que outras adquirem um novo significado e acabam substituindo o original.

Levando-se em consideração que a língua é viva e sofre modificações como todo ser vivo, é possível concluir que as palavras estão em constante aperfeiçoamento de forma a satisfazer as necessidades dos que dela fazem uso. Nesse sentido, o significado das palavras é móvel e pode restringir-se, expandir-se, enfim, adaptar-se.

REFERÊNCIAS

BRÉAL, Michel. **Ensaio de semântica**: ciência das significações. São Paulo: Pontes, 1992.

FAGGION, Carmen Maria. Chegar, pregar: dois diferentes processos de gramaticalização. Disponível em <<http://www.ileel.ufu.br/anaisdosielp/pt/arquivos/sielp2012/736.pdf>>. Acesso em: 01 de julho de 2012.

FARACO, Carlos Alberto. **Linguística histórica**: uma introdução ao estudo da história das línguas. São Paulo: Parábola, 2005.

FARIA, Ernesto. **Dicionário escolar latino-português**. 3. ed. Rio de Janeiro: Fename, 1962.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles; FRANCO, Francisco Manoel de Mello. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

ILARI, Rodolfo; GERALDI, João Wanderley. **Semântica**. 10. ed. São Paulo: Ática, 2004.

KEMPSON, Ruth M. **Teoria semântica**. Tradução Wltensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1980.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 4. ed. São Paulo: Hucitec-Abrasco, 1996.

NASCENTES, Antenor. **Dicionário etimológico da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1955.

OLIVEIRA, Luciano Amaral. **Manual de semântica**. Petrópolis: Vozes, 2008.

PEREIRA JUNIOR, Luiz Costa. Temporada de caça ao dicionário. **Revista Língua Portuguesa**. São Paulo, 2012: Segmento. Abril. v. 7; n. 78

ROTH, Wolfgang. A semântica histórica: um campo abandonado pela linguística? **Filologia e linguística portuguesa**, n. 2, p. 61-79, 1998. Disponível em <<http://www.fflch.usp.br/dlcv/lport/flp/images/arquivos/FLP2/Roth1998.pdf>>. Acesso em 15 de outubro de 2011.

TOLEDO, César de Alencar A.; GONZAGA, Maria Tereza C. (Org.). **Metodologia e técnicas de pesquisa: nas áreas de ciências humanas**. Maringá, Eduem, 2011.

SALÚSTIO. A conjuração de Catilina. Tradução Laurindo Dalpian. In: DALPIAN, Laurindo. **A conjuração de Catilina**. 1988., 131fl. Dissertação (Letras Clássicas) – Universidade de São Paulo, 1988.

BUENO, Silveira. **Tratado de semântica brasileira**. 4. ed. São Paulo: Saraiva, 1965.

ULLMANN, Stephen. **Semântica: uma introdução à ciência do significado**. Tradução J. A. Osório Mateus. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1964.